

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
INSTITUTO DE RELAÇÕES INTERNACIONAIS

Júlia Dutra Pereira

Uma análise construtivista da construção identitária da China: Taiwan e a crise armamentista
da década de 80

São Paulo
2022

JÚLIA DUTRA PEREIRA

**Uma análise construtivista da construção identitária da China: Taiwan e a crise
armamentista da década de 80**

Versão Original

Tese apresentada ao Instituto de Relações
Internacionais da Universidade de São
Paulo para a obtenção do título de
bacharel em Relações Internacionais

Orientador: Prof. Dr. Feliciano de Sá Guimarães

São Paulo
2022

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catálogo na publicação
Seção Técnica de Biblioteca
Instituto de Relações Internacionais da Universidade de São Paulo

Pereira, Júlia Dutra

Uma análise construtivista da construção identitária da China: Taiwan e a crise armamentista da década de 80 / Júlia Dutra Pereira ; orientador: Feliciano de Sá Guimarães. – São Paulo, 2022.

40 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Instituto de Relações Internacionais. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2022.

1. Construtivismo 2. Role theory 3. Role conception 4. Identidade
5. Relacional 6. Grande estratégia I. Guimarães, Feliciano de Sá, orient.
II. Título.

Responsável: Giseli Adornato de Aguiar - CRB-8/6813

Nome: PEREIRA, Júlia Dutra

Título: Uma análise construtivista da construção identitária da China: Taiwan e a crise armamentista da década de 80

Dissertação apresentada ao Instituto de Relações Internacionais da Universidade de São Paulo para a obtenção do título de bacharel em Relações Internacionais.

Aprovado em:

Avaliadores

Prof. Dr.

Instituição:

Julgamento

Prof. Dr.

Instituição:

Julgamento

AGRADECIMENTOS

Agradeço meus pais, meu orientador, meus professores e a Universidade de São Paulo.

“Theories are nets cast to catch what we call 'the world': to rationalize, to explain, and to master it. We endeavor to make the mesh ever finer and finer.” (POPPER, 1959)

RESUMO

PEREIRA, Júlia Dutra. **Uma análise construtivista da construção identitária da China: Taiwan e a crise armamentista da década de 80**. 2022. Trabalho de Conclusão de Curso — Instituto de Relações Internacionais, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2022.

Os processos de construção da identidade e as suas consequências nas relações internacionais são muito influentes e, muitas vezes, descartados pelas teorias explicativas mais popularmente abraçadas do campo. O presente estudo procurou demonstrar a importância de tal processo na dinâmica internacional - utilizando a China como modelo devido às circunstâncias particulares em que a sua narrativa se desenvolveu - e propor um enriquecimento no campo das relações internacionais através da adoção de terminologia e conceitos de fora da bolha europeia-westphaliana, através da revisão da literatura teórica disponível e da análise qualitativa de discursos selecionados proferidos por representantes oficiais estatais. O estudo conclui que o campo das relações internacionais só pode ser beneficiado pela expansão do seu quadro teórico, o que resultará na capacidade de oferecer explicações mais abrangentes e precisas.

Palavras-chave: Construtivismo, Role Theory, role conception, identidade, relacional, grande-estratégia

ABSTRACT

PEREIRA, Júlia Dutra. **A constructive analysis of China's identity construction: Taiwan and the arms crisis of the 1980s**. 2022. Trabalho de Conclusão de Curso — Instituto de Relações Internacionais, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2022.

The processes of identity construction and its consequences in international relations are greatly influential, and, often, just as greatly dismissed by the most popularly embraced explicative theories of the field. The present study sought to demonstrate the importance of such process in international dynamics - using China as a model due to the particular circumstances in which its narrative developed - and to propose an enrichment in the international relations field through the adoption of terminology and concepts from outside the european-westphalian bubble, through the revision of available theoretical literature and the qualitative analysis of selected speeches given by official state representatives. The study concludes that the field of international relations can only be benefited by the expanding of its theoretical framework, which will result in the ability to offer more comprehensive and precise explanations.

Keywords: Constructivism, Role Theory, role conception, identity, relational, grand-strategy

LISTA DE SIGLAS

EUA	Estados Unidos da América
RI	Relações Internacionais
ROC	<i>Republic of Taiwan</i> (República de Taiwan)
RPC	República Popular da China
URSS	União das Repúblicas Socialistas Soviéticas

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	11
2. Disciplina estática, mundo em transformação.....	12
3. Dois jogos, dois pensamentos.....	14
4. Um glossário alternativo de RI.....	18
5. <i>Role Theory</i>, Construtivismo e a China.....	20
6. Taiwan nos anos 1980: uma lupa para estudar a identidade chinesa.....	24
7. A questão de Taiwan: Discursos.....	28
8. CONCLUSÃO.....	35
9. REFERÊNCIAS.....	36

INTRODUÇÃO

O presente trabalho visa a compreensão da construção identitária chinesa no plano internacional e a exploração de novos conceitos para a disciplina ofertados pela inclusão de diferentes vertentes de pensamento e concepções explicativas. Objetiva-se realizar tal estudo através das lentes do construtivismo, da *Role Theory* e de conceitos chineses.

Palavras-chave: Construtivismo, Role Theory, *role conception*, identidade, relacional, grande-estratégia, China, EUA.

Disciplina estática, mundo em transformação

As teorias mais estabelecidas das relações internacionais (RI), geralmente utilizadas para explicar os fenômenos observados pelo campo - (neo)realismo, (neo)liberalismo e agora, o construtivismo - divergem em diversos aspectos mas possuem uma raiz comum: todas são enraizadas no pensamento Ocidental. Este pensamento possui algumas características, dissecadas nos parágrafos a seguir.

O tratado de Westphalia, de 1648, pode ser considerado o berço das relações internacionais e da maneira de como elas são tipicamente conhecidas e tratadas. O Tratado cria noções-chaves para o campo, como a ideia de Estados-nação possuidores de soberania, uma independência e legitimidade inquestionável, sobre as quais foi construído todo o arcabouço teórico e ideológico sobre o qual o campo das relações internacionais se firma; a ênfase na racionalidade, individualidade, soberania e instrumentalismo. Estas noções foram tão estabelecidas que o campo evoluiu e se transformou - passando de teorias como o realismo para outras tão distintas como o construtivismo e a teoria crítica - porém estas bases não foram questionadas. Atualmente, porém, em luz à ascensão de países como a China para o palco das relações internacionais como protagonista e não coadjuvante, percebe-se que esta fundação poderia não abranger, ou não observar, todas as variáveis necessárias para um bom entendimento e interpretação das relações construídas por tais países, não originários da concepção e ideário europeus. A teoria realista do balanço-de-poder, por exemplo, que sugere que os Estados procuram conter a ascensão de seus pares impedindo que estes adquiram mais poder militar, é extremamente ligada à prática europeia de relações internacionais; tal teoria não poderia ter nascido em um contexto diferente.

Toda comunicação humana é um esforço conjunto. Quando o agente desta relação é transposto para um Estado, como é o caso das relações internacionais, isto continua sendo verdade. Evidentemente, ainda são pessoas os agentes últimos por trás das ações dos Estados. Para que a comunicação aconteça de maneira eficaz, existem alguns pré-requisitos; a linguagem é o mais evidente. Aqui, linguagem tem dois significados: o literal e o mais profundo. No sentido literal, é necessário que os agentes participantes da comunicação falem a mesma língua - este trabalho, por exemplo, depende da habilidade do autor de escrever eficazmente em português e da habilidade do leitor de compreender a língua portuguesa - e toda língua oferece seus próprios vieses e pré-conceitos. No sentido mais profundo, aqui

estudado, é necessário que os agentes possuam um ideário compatível mínimo - um *background knowledge* comum: este trabalho depende também deste tipo de comunicação, ele assume que o leitor possui o mínimo de conhecimento dos conceitos relacionados a RI e suas teorias; não é explicado o que são “países” ou o que é a teoria realista, assume-se que o leitor já sabe. As comunicações no Sistema Internacional funcionam de maneira similar, entretanto, elas têm de lidar com, quase literalmente, o mundo de diferenças entre as bases que construíram as concepções de cada país. Como visto, os vocabulários de relações internacionais da China e do Ocidente se traduzem em dicionários muito diferentes. Isto impacta a comunicação entre os países, e também como um interpreta a construção do ser apresentada pelo outro. Isto é parcialmente responsável pelas confusões fundamentais que resultaram na China sendo tratada como “os próximos Estados Unidos” no cenário mundial; mais sobre isso adiante.

A concepção de “Relações Internacionais” como vertente independente de estudo surge nos anos 1920 na Europa, com o primeiro curso reconhecido ofertado pela Aberystwyth University, no País de Gales. A Primeira Guerra Mundial influenciou fortemente sua criação, e isto é evidente ao analisar-se a composição da disciplina. Já na China, o desenvolvimento das relações internacionais se deu muito mais tardiamente que no Ocidente. Até 1950, somente a Universidade Renmin da China possuía um departamento dedicado às relações exteriores; entrando na década de 1960, porém, os conflitos Sino-Soviéticos forçaram o país a prestar atenção ao estudo das relações internacionais, com mais três universidades criando seus próprios departamentos dedicados à disciplina, assim como uma dezena de novos institutos de pesquisa estatais eram criados. Muitos trabalhos do Ocidente foram traduzidos e muitos novos foram criados, mas a Revolução Cultural em 1966 freou este desenvolvimento. Após seu fim, inicia-se um novo vívido fluxo de estudiosos e ideias, com estudiosos chineses de relações internacionais indo para o exterior para estudar e estudiosos do Ocidente indo à China para dar aulas em universidades chinesas. Na década de 80, começa-se a flertar com a criação de uma teoria de relações internacionais com características chinesas, e incentivada pelo receio dos líderes chineses de que a China se isolaria do restante do planeta, a disciplina continua a florescer, com mais programas e instituições de ensino¹.

¹ Callahan William A, “China and the Globalisation of IR Theory: Discussion of 'Building International Relations Theory with Chinese Characteristics'”. *Journal of Contemporary China*, 75-88.

Apesar de tudo isso, devido às origens da disciplina, as Relações Internacionais são, conseqüentemente, até hoje fortemente influenciadas por noções quase endemicamente europeias, como exemplificado, o que resulta na miopia do campo ao estudar dinâmicas fundamentadas em outros ideários ou *backgrounds* culturais. Percebe-se, então, uma tendência de eternamente construir-se sobre esta mesma base: até mesmo as teorias que prometem romper com as noções pré-estabelecidas do campo, como as teorias pós-coloniais e feministas, ainda ancoram-se nestes princípios básicos que limitam a compreensividade das suas explicações. Parte disso deriva da relutância dos teóricos em aceitar a deficiência no fundamento da disciplina, fixando-se numa intenção míope de preservar o já construído em nome da preservação do campo, em vez de perceber a necessidade de sua reconstrução em nome da eficiência explicativa. Com isto em mente, é interessante lembrar que a função máxima de uma teoria das relações internacionais é a explicação mais abrangente e compreensiva possível das mecânicas do Sistema Internacional. Como observa Karl Popper:

“O que é uma teoria? Teorias são redes lançadas para apanhar o que chamamos de ‘o mundo’: para racionalizá-lo, explicá-lo, e dominá-lo. Empreendemos fazer suas malhas cada vez mais finas.”²

Relembra-se, então, a verdadeira função de uma teoria: a explicação mais completa possível da realidade. A ascensão da China como potência no século XXI sinalizou, dentre outras coisas, a insuficiência do presente arcabouço teórico das relações internacionais para a realização desta função. Isto já foi apontado por muitos estudiosos de RI, mais notavelmente, Henry Kissinger em seu “Sobre a China”.

Dois jogos, dois pensamentos

Conforme estabelecido acima, o entendimento da disciplina de relações internacionais acerca de seu objeto de estudo foi construído a partir de uma perspectiva ocidental, o que prejudica o entendimento de relações oriundas de um *rationale* distinto, como é o caso de um país oriental como a China. Kissinger, em seu livro, mostra as diferentes orientações filosóficas demonstradas pela China, utilizando o jogo *weiqi* como ferramenta para conceptualizar as relações chinesas, como também o modo de pensar da nação, e frequentemente utilizando o xadrez como contrapartida a ele, este representando, por sua vez, o pensamento ocidental europeu e também estadunidense. Para a absorção mais completa desta metáfora, é necessário

² POPPER, Karl. *The Logic of Scientific Discovery*. 1959. Em tradução própria.

um entendimento básico das mecânicas e premissas do jogo, que se encontram sumarizadas nos parágrafos seguintes.

Reconhecido como o mais antigo jogo da História, seu nome significa “território que circunda”. O tabuleiro é uma representação da Terra, e cada peça - ou pedra - possui como única característica distinguidora sua cor, branca ou preta; nos demais aspectos, são idênticas em forma e função. Diferente do xadrez, onde cada peça tem um papel fixo e pré-definido, que independe das condições criadas pelos jogadores, as peças do *weiqi* ganham significado e função através das suas relações com outras peças. O tabuleiro em *weiqi* não é somente geopolítico em natureza; como metáfora para a Terra e, conseqüentemente, para o conceito chinês de “*all-under-heaven*”, ou “tudo-sob-o-céu” - explorado mais adiante - que por definição não pode ser propriedade de outra civilização além da chinesa. Isto faz sentido observando sua história: o interesse por conquistas territoriais além do território chinês nunca foi de grande interesse para a China. Mesmo quando possuidores da maior frota naval do mundo, no princípio do século XV, a China não demonstrava ambição territorial, seja na conquista de novas terras, ou no estabelecimento de colônias além-mar³. As terras do *Middle Kingdom* - Reino do Meio, outro nome da China Imperial - bastavam, e eram as únicas que interessavam; contrasta-se isto com as dinâmicas do continente europeu, em constante conflito e com grandes esforços de conquistas de novos territórios como manifestação de poder em relação aos seus pares vizinhos e com o objetivo supremo do xadrez de dominar toda a extensão territorial no sentido literal, incluindo a do inimigo. Isto não significa que a conquista territorial é irrelevante no *weiqi*; território é, no sentido literal do jogo, o que se objetiva conquistar. Isto, porém, serve como metáfora, e o tabuleiro é o palco para o foco real do jogo, que é a criação de relações e conexões entre as pedras, assim como a China constrói relações no mundo. Até mesmo visualmente o tabuleiro remete às relações entre países metaforizadas pela conquista de territórios; um jogo de *weiqi* lembra as linhas fronteiriças tortuosas entre países.

³ KISSINGER, Henry. *On China*. Londres, Inglaterra: Penguin Books, 2012. 604 p.
LORD, Winston. “The United States and the Security of Taiwan”. 1 jan 1997. U.S. Department of State.

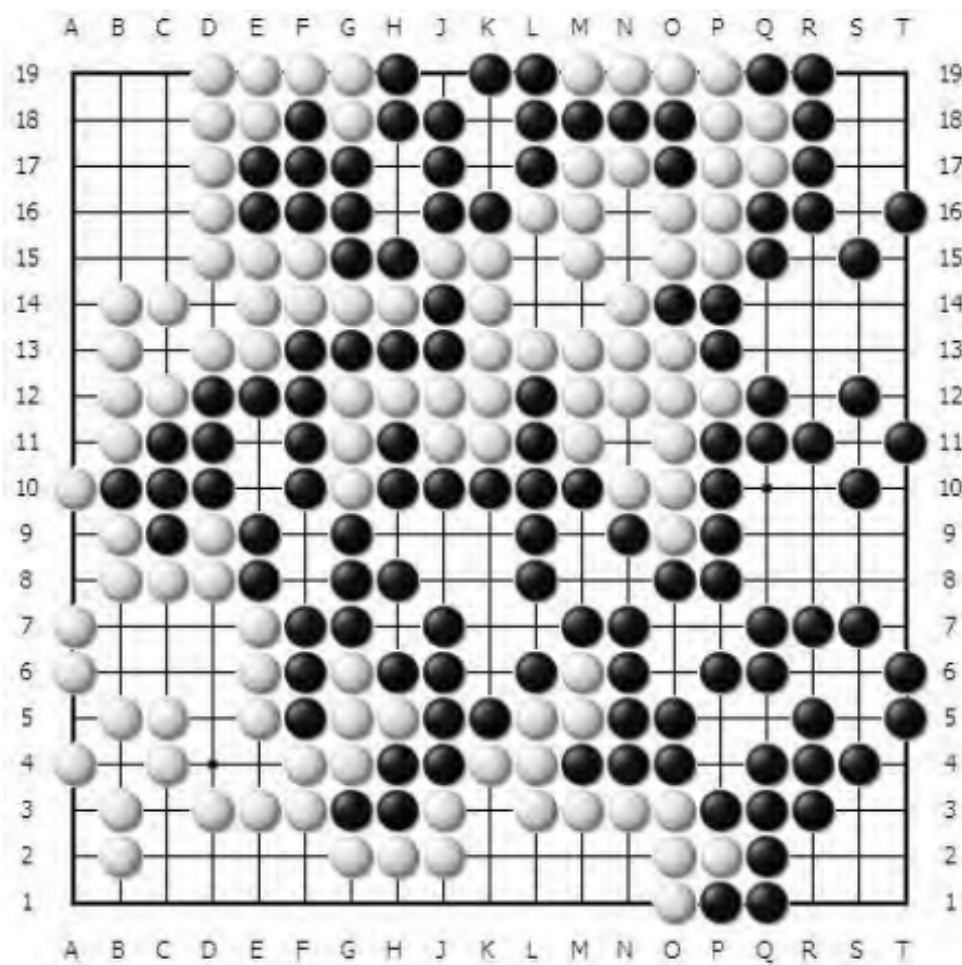


Imagem 1. Um jogo de weiqi próximo ao seu final⁴.

Outra função importante do tabuleiro - ou do ‘mundo’ - no *weiqi* é que, enquanto no xadrez as pedras possuem papéis - ou *roles* - por si próprias, no *weiqi*, de certa maneira, é ele que atribui função as peças, pois elas só possuem papéis no contexto de seu relacionamento com as outras peças, sendo as funções e relações traduzidas pela disposição delas na extensão do tabuleiro.

“Não há eu em isolamento, a ser considerado de maneira abstrata: Eu sou a totalidade de papéis que vivo em relação a outros específicos...Em coletividade, eles tecem, para cada um de nós, um padrão único de identidade pessoal, ...⁵”

⁴ DAVID, Lai.. “Learning From The Stones: A Go Approach To Mastering China’s Strategic Concept, Shi”, Figura 12.

⁵ Nisbett 2003, 5. Em tradução própria.

Tudo isto remete a uma discussão que vai até além de somente o escopo das relações internacionais: a questão da identidade é relacionada à questão da ontologia, que é a investigação teórica do “ser” enquanto ato. Para a China, a prioridade ontológica é concedida à prática, sendo ela - as ações - que moldam o “ser”, e os processos definidos em termos de relações construídas e em moção como *ontologicamente significantes*. Estas práticas são ancoradas em um *background knowledge* de cada comunidade - aqui, as nações - e as discussões de RI se dão pois os atores conversam confiando que os seus *background knowledges* são suficientemente comuns, ou, no mínimo, não incompatíveis, sobre o qual pode-se desenvolver uma relação, criando o que podemos chamar de uma comunidade de prática. A produção não acontece em isolamento, mas é socialmente constituída.

Essa “relacionalidade” é crucial para a compreensão do jogo, e também das dinâmicas de relacionamentos internacionais chineses. No xadrez, as peças são integralmente distintas tanto em forma quanto em função, possuindo características e habilidades distintas e bem delimitadas, que em geral indiferem quanto à posição da peça no tabuleiro e à disposição das demais. Já as peças de weiqi, absolutamente intercambiáveis fora do tabuleiro, vêem suas funções na dinâmica do jogo em constante adaptação, levando em consideração não somente sua própria posição, como também a das peças dispostas na sua cercania. Os papéis fluidos dos atores do sistema e a ênfase nos relacionamentos construídos entre eles são conceitos que se estendem ao pensamento internacionalista chinês e à sua construção identitária.

Ainda relacionada a esta fluidez, o elencamento das pedras em papéis de amizade ou rivalidade é muito mais fluido no *weiqi* do que no xadrez. No xadrez a rivalidade é inerente à oposição, porém no *weiqi* o relacionamento é mais dissecado; a rivalidade é neutralizada através de um relacionamento em camadas e de coexistência⁶. A coexistência de inimigos ou rivais é um conceito difícil para os jogadores de xadrez - afinal, o objetivo final do jogo é a destruição completa do outro, sendo impossível a coexistência - enquanto no *weiqi* a coexistência não somente acontece como é parte do jogo: numa partida entre jogadores igualmente habilidosos, a vitória geralmente se dará por uma pequena margem territorial, não uma conquista avassaladora e completa, destruindo o oponente. Entende-se, então, porque os estudiosos de RI do Ocidente, e principalmente dos Estados Unidos, vêem a China como ameaça à “primazia global de valores democráticos”, extensões da identidade estadunidense

⁶ SHIH, Cy., Huang, Cc. “Competing for a Better Role Relation: International Relations, Sino-US Rivalry and Game of Weiqi”. J OF CHIN POLIT SCI 25, 1–19 (2020).

no globo. China e Estados Unidos, essencialmente, jogam jogos diferentes, com regras e fins diferentes, originários de *línguas* metafóricas diferentes, conforme explicado na primeira seção. Os Estados Unidos têm dificuldade em enxergar isto, devido a sua longa tradição de interpretação dos eventos através da sua própria ótica desenvolvida, que eles confundem como universal, e a China, preocupada com suas próprias construções de relacionamento e objetivos, tem desinteresse em prestar contas a respeito de suas estratégias. Adicionalmente, a primazia dos Estados Unidos é dependente da projeção global da sua identidade e valores; a China, com sua tradição isolacionista, de auto-creditada superioridade e bagagem cultural de difícil penetração é, por definição, uma ameaça, ainda que não intencional, aos Estados Unidos na forma como eles se concebem. Como observam Shih e Huang, o foco da China em estabelecer relações bilaterais em detrimento, proposital ou não, dos esforços de governança global é muito facilmente confundido pelos Estados Unidos como a China intencionalmente posicionando-se como sua rival.

Importantemente, o jogo evoca a distinção entre os papéis - ou *roles*, conforme estudado em *role theory* criados para si e os imaginados e aceitos pelos outros jogadores; somente estes últimos criam as *role relations*, ou seja, estabelecem uma real relação entre os autores, que, dependendo da sua natureza, implicam em diferentes *role obligations*, ou seja, o que um ator espera do outro devido ao relacionamento entre os dois. Para o pensamento chinês, não existe uma identidade de fixa de cada país, que deve ser aceita ou repudiada. Cada país construirá sua identidade frente à China, assim como ela mesma o fará, numa série de relacionamentos bilaterais que geram estas identidades.

Um glossário alternativo de RI

Muito deste trabalho está fundamentado em conceitos, e como os conceitos internacionalistas da China diferem do arcabouço clássico das relações internacionais e podem, conseqüentemente, ofertar novas perspectivas e *insights* sobre elas.

“*Tianxia*”, o “*All-Under-Heaven*”, ou “Tudo-Sob-o-Céu”, era a denominação clássica dada ao domínio da China, que, como o nome denota, inclui todas as sociedades e organizações humanas. A China seria a civilização escolhida divinamente e a mais desenvolvida, englobando todas as outras, não em pé de igualdade, mas numa relação melhor definida como “civilização *versus* bárbaros”. Incapazes de ascender ao nível intelectual, político e

psicológico exibido pelos chineses, os bárbaros circundam a civilização chinesa, com a qual realizam, por exemplo, trocas comerciais, mas devendo sempre reconhecer a superioridade chinesa. Nos dias atuais, o conceito modernizou-se passando a significar uma versão mais branda de um mundo sinocêntrico, mas o isolacionismo cultural da China demonstra como nem todo o antigo significado esvaiu-se.

“*Guanxi*”, literalmente “relacionamento” em mandarim, frequentemente aparece na literatura e é um interessante framework pelo qual interpretar as relações internacionais chinesas. O *guanxi* é entendido como uma maneira de criação de relações e que fundamenta-se em laços, ordem e moral, podendo ser amigável ou não. Uma principal característica que difere o *guanxi* é que ele se embasa no estabelecimento de confiança, mas não o contratual. É o estabelecimento de um relacionamento em que se observa o outro e suas necessidades, mas que também é observado o quanto o outro corresponde às suas, numa constante avaliação de reciprocidade e de certa forma, de justiça. Um exemplo disto é a postura frente ao Japão não somente durante as décadas estudadas mas durante todo o período posterior à invasão japonesa na China. Esta foi uma criação de dívida muito forte aos olhos dos idealizadores da política externa chinesa, que fizeram uso dela ao longo do século como leverage para a obtenção dos interesses nacionais, evocando a ideia de moralidade e responsabilidade histórica. Faure chama a atenção para este fenômeno e o contrapõe ao “método contratualista ocidental”, onde a construção de relacionamentos é dada em estritos termos jurídicos em seu artigo “The Cultural Dimension of Negotiation: The Chinese Case”. Outro exemplo para o *guanxi* e a construção do alter também ocorre nos anos 80, porém nas relações sino-japonesas. Com a publicação em 1982 de livros escolares japoneses que utilizavam uma terminologia considerada excessivamente branda para descrever a invasão à China na primeira metade do século, levando o país à conclusão de que o Japão contestava a sua responsabilidade histórica para com a China, falhando na sua obrigação moral para com ela e criando para o Japão uma identidade hostil e prejudicando a reciprocidade.

“*Zhongyong*” é a dialética confuciana, que aparece como se não alternativa, como complemento à Hegeliana. A última assume uma homogênea e universal - e evidentemente, Ocidental - verdade, que eventualmente englobará o mundo todo. Já na dialética *zhongyong*, a

identidade e existência se dão na interdependência e complementaridade⁷, sendo impossível, por definição, uma identidade independente ou num vácuo.

“Um não pode existir sem o outro, pois um cria condições para a formação, existência e transformação do outro”⁸

Role Theory, Construtivismo e a China

Na seção “*Philosophy, identity, and Role Theory*” do livro “*China 's International Roles*”, o autor especula que as diferentes dinâmicas relacionais criadas pelos dois jogos apresentados neste trabalho são analogias que nos mostram como o polo criador de cada um percebe as noções de “eu” e de “outro”, cruciais para a aplicação da *Role Theory*. *Role theory* vêm sendo aplicada- e o será também aqui - no caso chinês, como ferramenta para a compreensão da construção de nação chinesa atual e sua relação com o Sistema Internacional, porém muitos autores destacam que os pilares da *Role Theory* são integralmente ocidentais, e para uma eficaz análise do pensamento chinês é necessária a compreensão e integração de seus conceitos à *Role Theory*, ponto de vista abraçado pelo presente trabalho.

Uma apresentação rápida da *Role Theory* introduziria o leitor ao conceito de “eu” (ou *ego*) - a percepção que cada nação tem sobre si própria - de “outro” (ou *alter*) - a concepção que o “eu” faz sobre as demais nações” - e o de “papéis”, assumidos pelo “eu” e pelo “outro”, mas também *prescritos* ao “eu” e ao “outro” mutuamente. A maneira pela qual cada nação faz isso, porém, difere com base no seu estilo de grande-estratégia⁹. A grande-estratégia principal com a qual o mundo convive há boa parte do século XX até hoje é a estadunidense, que se caracteriza por seu embasamento identitário. Tal estratégia fundamenta-se principalmente em um conjunto de valores e princípios adotados pela nação, que de alguma maneira evocam um sentimento de pertencimento, justiça e moral, além de servir à obtenção de objetivos nacionais. Essa visão de mundo caracteriza-se pelo alto grau de independência em relação aos *alters* na sua construção e pela diferenciação entre o mundo “preferido” - o que se adequa ao modelo de nação do *ego* - e o mundo “percebido”¹⁰ - o existente - e que portanto depende da retificação de inconsistências cometidas por eles na visão do *ego*. Isso resulta num grande

⁷ UEMURA, Takeshi. Constructivism and Chinese Studies. *Journal of Asia-Pacific Studies*, v. 30, p. 49-63.

⁸ UEMURA, Takeshi. Constructivism and Chinese Studies. *Journal of Asia-Pacific Studies*, v. 30, p. 49-63.

⁹ Harnisch, Sebastian, et al., 2016

¹⁰ Harnisch, Sebastian, et al., 2016

intervencionismo, mas principalmente numa ênfase no *multilateralismo*. Afinal, a postura e o conjunto de valores adotados pela nação que adota a grande-estratégia embasada na identidade é consistente, independe da outra parte, justamente por embasar-se em si própria. A aplicação desta postura na sua integralidade, porém, é dependente da aquiescência das nações outras.

Tal ênfase na identidade resulta empiricamente em dois efeitos: o foco nas relações como multilaterais, como mencionado, e no estilo hegemônico que busca conduzir o Sistema Internacional, duas posturas muito características dos estadunidenses. Este estilo de grande-estratégia foi tão preponderante no globo, devido à dominância militar, econômica e cultural de décadas dos EUA, que esta pode parecer a única possível. Isto é percebido com o deslanche da economia chinesa, que coloca o país como um *player* central do plano internacional novamente, e que consequentemente muitas vezes é interpretado como uma “ameaça” à atual hegemonia, pois seria o “natural” que desejasse implantar uma própria. A grande-estratégia da China, porém, constrói-se *fundamentalmente* diferente da dos EUA: baseia-se não numa identidade própria independente mas sim nas *relações* que ela constrói com seus *alters*, tal como as peças do weiqi¹¹. Nos famosos *White Papers*, a China, ao discorrer sobre suas relações com demais países, utiliza o termo “cada país” ao invés de “todos os países”¹². Isto trai a preferência para relações *bilaterais* que é nutrida pelo estilo de grande-estratégia embasada *relacionalmente*, adotado pelo país. Não existe um conjunto de valores único direcionado ao meio internacional e consequentemente nenhuma expectativa de subserviência a eles por parte dos demais. Tal expectativa poderia ameaçar o que teoriza-se ser mais precioso para as relações exteriores da China: a *reciprocidade*, independente de quais sejam os *alters*. Numa grande-estratégia relacional, é importante cultivar as relações bilaterais com os demais e adaptar-se ao contexto de cada uma, com o objetivo último de uma construção de um ambiente internacional beneficiário à China e seu desenvolvimento, por meio da adoção de posturas baseadas na avaliação da relação bilateral por si só em vez de recorrer ao seu *set* de valores universais.

Um estudioso que busca compreender as *role conceptions* chinesas deve, portanto, adotar uma estratégia diferente daquela utilizada para estudar países com grande-estratégia identitária.

¹¹ Harnisch, Sebastian, et al., 2016

¹² Harnisch, Sebastian, et al., 2016

A oferta da vertente construtivista em conjunto com os estudos da China oferecem um desafio ao fazer Ocidental nas relações internacionais. O construtivismo traz ao debate conceitos anteriormente ignorados pelos clássicos como realistas, realistas e materialistas, introduzindo o conceito de identidade como motor poderoso das ações do Estado. Para os construtivistas, a organização de interesses estatais não é resultado de um cálculo puramente racional de recursos e interesses, atingidos através da ação egoísta e isolada dos atores num contexto de relações obrigatoriamente hostis impostas pela anarquia do Sistema Internacional, e sim uma rede complexa e interdependente de relações construídas, com porções fixas e fluidas. Aqui, diferentes tipos de relações criam diferentes objetivos e interesses estatais; o comportamento dos Estados é baseado em seus interesses, que por sua vez está embebido em sua identidade¹³. Em último nível, os Estados são compostos por seres humanos, e é da natureza humana, como seres mental e psicologicamente complexos, responder ao ambiente no qual se encontram. Em seu texto, “O construtivismo no estudo das relações internacionais”, Emanuel Adler oferece uma metáfora explicativa interessante para esse fenômeno de responsividade:

“Suponha que você arremesse uma pedra ao ar. Ela pode ter apenas uma resposta às forças físicas externas que agem sobre ela. Porém, se você arremessar um pássaro ao ar, ele pode voar para uma árvore. Embora as mesmas forças físicas ajam sobre o pássaro e a pedra, uma quantidade massiva de processamento interno de informação afeta o comportamento do pássaro (Waldrop, 1992: 232). Finalmente, pegue um grupo de pessoas, uma ou várias nações e metaforicamente os arremesse ao ar. Para onde, como, quando e porquê eles vão não é inteiramente determinado por forças ou constrangimentos físicos; no entanto, de mesmo modo não depende inteiramente de preferências pessoais e escolhas racionais. Depende também de seu conhecimento compartilhado, do significado coletivo que eles atribuem à situação, de sua autoridade e legitimidade, das leis, instituições e recursos naturais que eles usam para achar seu caminho, de suas práticas, ou mesmo, algumas vezes, de sua criatividade conjunta.”¹⁴

A realidade nas ciências humanas e sociais - incluindo nas relações internacionais - difere, portanto, em concepção, da realidade das ciências da natureza. O construtivismo traz para as relações internacionais a noção que a realidade “concreta” e a internalizada e construída pelos

¹³ UEMURA, Takeshi. Constructivism and Chinese Studies. *Journal of Asia-Pacific Studies*, v. 30, p. 49-63.

¹⁴ ADLER, Emanuel. O construtivismo no estudo das relações internacionais: Constructivism in world politics. Ago. 1999. Em tradução própria.

atores não podem ser separadas; as implicações ontológicas e epistemológicas das realidades construídas são refletidas nas ações tomadas pelos atores no Sistema Internacional. As relações internacionais são, em essência, construtos sustentados por um acordo mútuo entre os atores que torna essas relações realidade. Dentro do construtivismo, existem diversas perspectivas explicativas para esse fenômeno; para o presente trabalho, duas destacam-se: a constitutiva e a mediativa.

A perspectiva constitutiva não nega a realidade material *per se*, mas observa que ela não pode ser explicada ou veiculada além da linguagem humana; a linguagem é a única maneira de comunicação de ideias entre seres humanos, e ao mesmo tempo em que ela permite a transmissão de ideias complexas, ela nunca é capaz de perfeitamente veicular uma ideia de um indivíduo a outro de maneira perfeita e idêntica, sendo portanto limitadora. Talvez isto não deveria ser pensado como um fator limitador; melhor definição seria potencialmente uma “característica”. Associamos a transmissão imaculada de fatos como a melhor versão possível da comunicação, mas em verdade o que é perdido no processo comunicativo também é essencial a ele: essa perda é resultado da atribuição da própria identidade e experiência do ouvinte ao que é veiculado pelo interlocutor, o que enriquece as relações sociais. Passar a entender e levar em conta essa característica da comunicação e atribuir essa perspectiva às relações internacionais pode, potencialmente, enriquecer a nossa compreensão delas. Isto leva à segunda perspectiva explicativa; na perspectiva mediativa, a realidade é afetada pelo *background* e pelos fatos sociais, da atribuição de sentido e dos entendimentos individuais e coletivos, construindo a realidade. Vertentes como estas pretendem constituir uma “abordagem sociologicamente sensível das relações internacionais”¹⁵.

Podemos aplicar isto então, nas relações chinesas, em combinação com os conceitos de *role theory*. Temos a auto-identidade (*self-identity*), ou seja, como a China se auto-percebe e a identidade que ela criou para si mesma e a identidade do outro (*other-identity*), ou seja, como a China interpreta não os outros Estados, mas sim a construção que eles a apresentam após ela ser absorvida pelas lentes chinesas, num exemplo da poluição comunicativa mencionada anteriormente; pode-se argumentar que muitos dos conflitos das relações internacionais originam desta característica da comunicação, que leva a más interpretações e

¹⁵ ADLER, Emanuel. O construtivismo no estudo das relações internacionais: Constructivism in world politics. Ago. 1999.

desentendimentos. Esse processo de atribuição de características é denominado, na *role-theory*, de *identity-assignment*, ou “atribuição identitária”.

A estratégia chinesa de construção de uma rede de relações é a maneira do país construir uma identidade e um papel no Sistema Internacional compatível com seu perfil almejado e, admitidamente, conquistado, de potência mundial sem ir diretamente e frontalmente contra o *establishment* estadunidense: abertura econômica, as reformas de Deng Xiaoping, instituições internacionais como o AIIB - Asian Infrastructure Investment Bank ou Banco Asiático de Investimento em Infraestrutura - os investimentos da China na África e os diversos Institutos Confúcio buscando exportar a língua e cultura chinesas espalhados pelo globo são alguns exemplos dos passos dados nessa direção.

Do ponto de vista do construtivismo, portanto, deve-se prestar atenção a dois aspectos nas relações chinesas: o *self* e o *alter*, sendo este último ainda mais interessante pois é construído pelo primeiro.

Taiwan nos anos 1980: uma lupa para estudar a identidade chinesa

A República Popular da China (RPC) - ou, “China” -foi oficialmente fundada em 1949 pelo Partido Comunista Chinês, derrubando o governo Nacionalista em poder na época. Mesmo com essa derrubada, a RPC somente foi reconhecida como o governo oficial da China pelos Estados Unidos e por outras nações na década de 1970; anteriormente, o governo Nacionalista derrubado havia movido a sua administração para a província-ilha de Taiwan, separada da China continental por 177 quilômetros de água em seus pontos mais distantes, numa contestação da tomada de poder que ocorreu no continente. Essa pequena distância recebe a classificação geográfica de “estreito” - um acidente geográfico que separa duas massas continentais, ligando duas massas oceânicas, através de um pequeno canal - e consequentemente as relações entre a República Popular da China e Taiwan são comumente referidas como “relações através do Estreito”.

O início do processo de reconhecimento dos Estados Unidos do governo do Partido Comunista Chinês se deu com a visita do então presidente Richard Nixon à China em 1972, visita esta que resultou no Comunicado de Xangai, um comprometimento entre os dois países a normalizar suas relações, que ambos reconheceram como tensas. A principal questão do

Comunicado foi Taiwan: tanto a China como Taiwan proclamavam que só existia uma China, mas cada um também proclamava representar o governo legítimo dela - o governo de Taiwan utiliza o nome “República da China” ou “ROC”, na sigla em inglês, para enfatizar essa legitimidade - o que significava que o mantimento de relações diplomáticas com ambos por parte das demais nações do mundo denotaria a existência de “duas Chinas”, algo inaceitável para o Partido Comunista. Outro ponto de tensão entre os dois países no período era a venda de armas para Taiwan por parte dos Estados Unidos; a venda era entendida como incentivo para a luta armada contra a investida chinesa em Taiwan.



Imagem 2. Richard Nixon e Mao Tsé-Tung cumprimentam-se na visita do presidente dos EUA à China em 1972.¹⁶

Não obstante esses conflitos, o processo de normalização de relações continua e em 1979 as relações foram oficialmente normalizadas. O então presidente Jimmy Carter declarou que os EUA cessariam relações diplomáticas com Taiwan ao final do ano e encerrariam o tratado de defesa mútua com Taiwan de 1954, porém, o país manteria relações “comerciais, culturais,

¹⁶ 50 years after Nixon visit, US-China ties as fraught as ever. AP NEWS. 21 fev. 2022.

comerciais e outras com a ilha¹⁷. Pequim exigiria então mais um ponto - os dois citados anteriormente já eram demandas chinesas -; a retirada das tropas estadunidenses de Taiwan. Os Estados Unidos aceitam também esta condição, desde que a China se comprometesse a resolver a questão de Taiwan pacificamente e que eles próprios pudessem continuar a venda de armamentos para Taipei. Este último ponto foi particularmente espinhoso, mas aceito por Pequim no momento.

Em 1982, há novamente um esforço legislativo entre os dois países, que assinam o “*Joint Communiqué of the U.S. and China*” - Comunicado Conjunto dos EUA e da China - no qual os Estados Unidos se comprometeram a limitar a quantidade e sofisticação tecnológica das armas vendidas à Taiwan - o número não poderia exceder os níveis já vendidos em períodos anteriores à 1979 - sob a condição da resolução pacífica da questão da ilha. Entretanto, devido à obstinada negação dos EUA em acordar uma data para findar a venda de armas à Taiwan e, na verdade, a manutenção e até intensificação da venda de armamentos, tanto em quantidade como em qualidade, traz tensão ao relacionamento entre o país americano e a China.

É interessante mencionar a proposta que a China oferece à Taiwan: um arranjo denominado “Um País, Dois Sistemas”. Um princípio constitucional da República Popular da China, já é aplicado na governança das regiões administrativas especiais da China, como Macau e Hong Kong. Criado durante o *Hong Kong Handover* - processo de negociação entre a China e o Reino Unido, então metrópole de Hong Kong, cuja finalidade foi a rejeição do território à China - estabelecia que, embora houvesse somente uma China, enquanto a Continental utilizaria o sistema de Socialismo com características chinesas, uma adaptação do Marxismo-Leninismo adaptado às condições chinesas durante as reformas econômicas de Deng Xiaoping, as regiões administrativas especiais poderiam ter seus próprios sistemas governamentais, econômicos, financeiros e legais, incluindo até relações comerciais com outros países.

Mantendo os conceitos expostos em mente ao analisar-se a venda de armamentos à Taiwan por parte dos EUA na década de 80 e observando a série de acontecimentos através das lentes apresentadas, pode-se entender melhor tanto a posição chinesa quanto a estadunidense. De

¹⁷ Excerto do discurso completo do presidente Carter publicado na edição de 16 de dezembro de 1978 do *The New York Times*.

um lado, para os EUA, a venda de armas coincide com sua grande-estratégia identitária, que se intensifica durante o governo republicano de Reagan: é a promulgação de valores ocidentais, da auto-afirmação e da democracia numa área de influência estadunidense remota com o bônus do ganho comercial. Mais interessante, a venda de armas tranquiliza o governo de Taiwan e previne que este considere alternativas para a manutenção da sua tentativa de independência muito indesejadas aos olhos estadunidenses, tal como a vinculação à URSS, o que diminuiria a área de influência estadunidense e seria incompatível com sua grande estratégia. Ainda que tendo concordado com a One-China Policy em 82 com a assinatura do U.S.-PRC Joint Communiqué, o comportamento dos EUA de negociações durante a década e a recusa em estabelecer uma data específica para o encerramento dessas vendas é compatível com sua grande-estratégia. Já para a RPC, a cooperação com a ROC por parte dos EUA feria o relacionamento EUA-China não somente num nível contratual, mas no próprio laço entre os dois países, com o desafio da concepção chinesa de mundo e uma intromissão no que para a China era uma questão de política interna, no que Pequim denominava uma “importante questão de princípios”. Quando enfrentou a mesma questão com o vizinho Japão em 1972, a China concordou que o Japão mantivesse relações econômicas com Taiwan, desde que ele cortasse relações diplomáticas com a ilha, num formato que veio a ser conhecido como a “Fórmula do Japão”.

É impossível discutir as relações chinesas neste período sem mencionar o Triângulo Estratégico então existente entre a China, os Estados Unidos e a União Soviética. Na década de 80, particularmente, existia muita tensão entre os EUA e a URSS devido à Guerra Fria, e entre a China e a URSS com a cisão Sino-Soviética ocorrida em 1960 devido ao conflito ideológico entre o governo Mao e o Krushev devido à diferenças históricas na interpretação das teorias socialistas e sua aplicação em cada nação, mas neste período em particular devido às distintas linhas adotadas frente aos Estados Unidos: enquanto Mao intencionava manter uma postura belicosa frente aos EUA, Krushev propunha que uma “existência pacífica” com os EUA fosse possível. A consequência da presença desse fenômeno no relacionamento é a manipulação de cada relacionamento, muitas vezes um contra o outro. Um exemplo é de janeiro de 1979, quando Deng Xiaoping em visita aos Estados Unidos - e em resposta às recentes indisposições com a União Soviética - critica a postura “hegemônica” soviética, advogando pela formação da “frente unida” contra a URSS, consistindo da China, EUA e demais países do Ocidente. Outro é proveniente de abril do mesmo ano, quando Deng aceita

a proposta do estabelecimento de um posto estadunidense de espionagem na China para monitorar atividades soviéticas, implementado no ano seguinte.

Mas a questão prevalente é: por que Taiwan foi e é tão importante para a China? Evidentemente, existe o fator econômico a ser levado em consideração. Ele não é, entretanto, o único, e este artigo argumenta que não é o mais importante. De acordo com Chang¹⁸, deve-se visualizar a situação como um jogo de soma zero entre Washington e Pequim, com Washington obrigatoriamente tendo de ceder para que Pequim ganhe algo, devido à sua posição. Objetivamente falando, os EUA não possuem qualquer obrigação de ceder; mas, enquanto a venda de armas é benéfica por si só aos EUA devido ao fator econômico, o país entende que manter Taiwan próximo - ou seja, cultivar uma área de influência em oposição à URSS justamente no período da Guerra Fria, por exemplo, num continente onde a influência dos EUA era muito distante e diminuta - era um objetivo válido por si só. Já a China entende a posição dos EUA como uma postura que pretendia perpetuar as “Duas Chinas”, em desafio direto a um princípio central da concepção de nação chinesa. É, então, construído um alter agressivo para os EUA. Na “Fórmula do Japão”, mencionada anteriormente, percebe-se a natureza essencialmente ideológica do conflito, onde a problemática seria o estabelecimento de relações diplomáticas por parte das demais nações com Taiwan, o que, conforme mencionado, significa a aceitação de Taiwan como uma nação legítima e conseqüentemente o estabelecimento de “Duas Chinas”, algo absolutamente inconcebível para o governo da RPC e para a identidade criada da China.

A questão de Taiwan: Discursos

Esta seção busca demonstrar que é possível observar as tendências e percepções descritas anteriormente descritas, assim como buscar evidências de que essas tendências de fato existem. Foram analisados qualitativamente três discursos de Deng Xiaoping, para exemplificar e tratar da percepção chinesa e um , para efeitos de comparação.

O discurso intitulado “*Put On the Agenda Settlement of the Taiwan Question For the Reunification of the Motherland - 1979*” foi dado por Deng Xiaoping no fórum de “Mensagem do Comité Permanente do Congresso Nacional do Povo aos Compatriotas de

¹⁸Chang, Jaw-ling Joanne. “Negotiation of the 17 August 1982 U. S.-PRC Arms Communiqué: Beijing’s Negotiating Tactics.” *The China Quarterly*, no. 125, 1991, pp. 33–54. JSTOR.

Taiwan" realizada pela Conferência Consultiva Política Popular da China. Tratou predominantemente da realização de progresso no plano das “Quatro Modernizações”, proposta econômica que focava na modernização total, até o final do século XX, das quatro áreas de desenvolvimento: agricultura, indústria, ciência e tecnologia e defesa, em comunicar a derrota dos contrarrevolucionários maoístas da Gangue dos Quatro e dos progressos realizados na frente internacional, dentre eles a assinatura do Tratado de Paz e Amizade com o Japão, a normalização de relações com os Estados Unidos e a questão de Taiwan.

“Em terceiro lugar, colocamos na agenda o regresso de Taiwan à pátria para a reunificação da China.¹⁹”

“Conseguimos colocar na agenda o regresso de Taiwan à pátria para a reunificação da China somente pois obtivemos êxitos significativos em termos domésticos, trabalho e assuntos internacionais.²⁰”

A questão da reunificação da China é muito importante para a identidade chinesa. Conforme visto na seção do léxico chinês, o conceito de *Tianxia* é incompatível com uma China fragmentada.

“A (...) normalização das relações entre a China e os Estados Unidos é benéfica para a paz e a estabilidade no mundo e à luta internacional contra a hegemonia.”

Neste trecho é clara a alusão às dinâmicas do triângulo estratégico e a utilização do bom relacionamento com os Estados Unidos para conter o projeto hegemônico soviético. O triângulo estratégico precedia a década de 80 em existência nas relações China-Estados Unidos-União Soviética, mas uma transformação estratégica nele ocorre na década de 60 com a ruptura Sino-Soviética, resultando no alinhamento Sino-EUA contra ela nos anos 80. Um triângulo estratégico é caracterizado por tendências; ou seja, uma relação é favorecida em detrimento a outra, ou um vértice do triângulo tem mais força que os outros dois, resultando num poder decisório que rege a manutenção dos relacionamentos e o direcionamento que estes tomarão. Por um período, a China obteve dominância devido à constante tendência de apoio da União Soviética em quaisquer que fossem os assuntos de política internacional; por outro é dos Estados Unidos, proveniente da tendência de apoio de Deng em 1979, influenciado pelas tendências de seu antecessor, Mao.

¹⁹ XIAOPING, Deng. “Put On the Agenda Settlement of the Taiwan Question For the Reunification of the Motherland”. 1 jan. 1979. Deng Xiaoping Archive, Marxists Internet Archive. Em tradução própria.

²⁰ XIAOPING, Deng. “Put On the Agenda Settlement of the Taiwan Question For the Reunification of the Motherland”. 1 jan. 1979. Deng Xiaoping Archive, Marxists Internet Archive. Em tradução própria.

O segundo discurso é fruto de uma conversa de Deng com Javier Perez de Cuellar, Secretário-Geral das Nações Unidas, em 21 de agosto de 1982. Nele, Deng reitera a necessidade de paz no Sistema Internacional durante o restante do século e no futuro e, caso ecloda uma guerra, que esta seja resolvida no menor espaço de tempo possível.

“As nossas propostas para salvaguardar a paz mundial não são, de forma alguma, promessas vazias, mas, em vez disso, baseiam-se nas nossas próprias necessidades. Naturalmente, isto também satisfaz as necessidades das pessoas em todo o mundo, particularmente as necessidades das pessoas no Terceiro Mundo. Por conseguinte, oposição ao hegemonismo e salvaguarda a paz mundial são as nossas políticas estabelecidas e são a base da nossa política externa.”²¹

Deng descreve que as intenções da China são muitas vezes, erroneamente, interpretadas como belicosas; ele assegura que a China espera, e na verdade conta com, a ausência da guerra até o final do século XX. Ao invés de buscar assegurar a comunidade internacional do interesse verdadeiro da China pela paz embasando-o numa narrativa ética ou de princípios - que veio a ser associada com a identidade, grande estratégia e método estadunidense - Deng o faz associando o interesse a fins pragmáticos, como o desenvolvimento econômico.

“A nossa política não deve ser alterada; a China deve continuar esta política, se espera desenvolver-se, e ninguém deve mudar deliberadamente a política.”²²

Num discurso em 1983 intitulado “Uma Idéia Para a Reunificação Pacífica da China Continental e de Taiwan” e apresentado numa conversa com um professor da Universidade de Seton Hall, de Nova Jersey nos Estados Unidos, Winston L. Y. Yang, Deng reitera a a reunificação da “Terra-mãe”.

“Não aprovamos a "total autonomia" para Taiwan. Deve haver ser limites à autonomia, e onde há limites, nada pode ser completo. "Autonomia completa" significa duas Chinas, não uma. Podem ser praticados sistemas diferentes, mas deve ser a República Popular da China, que representa a China internacionalmente.”²³

²¹ XIAOPING, Deng. “China’s Foreign Policy”. 21 ago. 1982. Deng Xiaoping Archive, Marxists Internet Archive. Em tradução própria.

²² XIAOPING, Deng. “China’s Foreign Policy”. 21 ago. 1982. Deng Xiaoping Archive, Marxists Internet Archive. Em tradução própria.

²³ XIAOPING, Deng. “An Idea For the Peaceful Reunification of the Chinese Mainland and Taiwan”. 26 jun. 1983. Deng Xiaoping Archive, Marxists Internet Archive. Em tradução própria.

Aqui Deng apresenta a questão crucial: a união da China; a *Tianxia*. Aqui rege a questão principiológica da China una. A “*One China Policy*” é um princípio filosófico antigo da concepção chinesa tornado política internacional moderna. É interessante que Deng abrace tanto esta noção quando ele é criticado por algumas fatias de estudiosos das relações internacionais chinesas por ser o responsável por expor e efetivamente “abrir” a China para conceitos como materialismo e a denominada “poluição espiritual” proveniente do mundo ocidental, resultado da política econômica do líder de abertura comercial da China objetivando sua industrialização e desenvoltura no mercado internacional; isto é resultado de um processo de retraditionalização, processo este que precede as rejeições às políticas de Deng - e também outros acontecimentos políticos do século XX para as relações chinesas, como a morte de Mao Zedong - como uma reação às perdas das conexões com o passado, no qual a China era unida. Há um elemento nostálgico, como há em muitas narrativas de criação de nação, mas para a China é particularmente interessante; conforme nota Kissinger em seu “Sobre a China”, as sociedades e nações tendem a pensar em si mesmas como eternas. A China não difere neste aspecto, mas sim, em outro: ao contrário das demais nações no planeta, que contam as histórias de suas origens, a China parece não possuir uma. Mesmo o conto do Imperador Amarelo, considerado nas lendas chinesas o líder fundador, ele somente resgata a China do caos no qual ela havia sido mergulhada. De fato, tal “resgate” é tema recorrente no imaginário chinês, persistindo até os dias modernos e transbordando na idealização das relações internacionais do país. As tradições tomam papel central no arcabouço teórico. Conforme escreve Kissinger; “Qualquer tentativa de compreender a diplomacia chinesa do século XX ou o domínio mundial do século XXI deve começar - mesmo à custa de uma potencial simplificação excessiva - com uma apreciação básica do contexto tradicional²⁴”.

Os trechos a seguir oferecem um *insight* mais prático do que efetivamente a China propõe para a ilha:

“Reconhecemos que o governo local de Taiwan possua o seu próprio conjunto separado de políticas para assuntos domésticos.”²⁵

²⁴KISSINGER, Henry. *On China*. Londres, Inglaterra: Penguin Books, 2012. 604 p. Em tradução própria. LORD, Winston. “The United States and the Security of Taiwan”. 1 jan 1997. U.S. Department of State.

²⁵ XIAOPING, Deng. “An Idea For the Peaceful Reunification of the Chinese Mainland and Taiwan”. 26 jun. 1983. Deng Xiaoping Archive, Marxists Internet Archive. Em tradução própria.

“E embora, como uma região administrativa especial, Taiwan ter um governo local, será diferente dos governos locais de outras províncias, municípios e regiões autônomas. Desde que os interesses nacionais não sejam prejudicados, desfrutará certos poderes próprios que os outros não possuem.”²⁶”

Em medida similar à descrita anteriormente quando lidando com as demais regiões autônomas como Macau e Hong Kong, a China abre mão do controle dos aspectos econômicos e políticas domésticas, mas não da união frente ao sistema internacional.

“Mas em nenhuma circunstância permitiremos que qualquer país estrangeiro interfira. Interferência estrangeira significaria simplesmente que a China ainda não é independente, e isso levaria a problemas infundáveis.”²⁷”

No excerto acima percebe-se os resquícios da ferida aberta do chamado “Século de Humilhação para a China: o termo é utilizado para descrever o período entre a Dinastia Qing - a última da China - e a instituição da República Popular da China ao final da Guerra Civil Chinesa em 1949. Caracterizado pela intervenção e subjugação do país, assim como diversas derrotas em conflitos armados resultando em grandes perdas - as Guerras do Ópio que resultaram em tratados extremamente desbalanceados em favor dos europeus, as Guerras Sino-Japonesas e colonização japonesa de Taiwan, a invasão japonesa da Manchúria, a invasão soviética de Xinjiang e também da Manchúria - o Século de Humilhação deixou uma marca profunda e influenciou o imaginário dos líderes chineses que se sucederam ao período. Isto é muito perceptível nas relações que a RPC mantém com países que foram, no passado, colônias europeias, caracterizadas por assistência militar e ideológica²⁸. Estas experiências foram utilizadas nas relações internacionais como ferramenta para justificar tais políticas da China no Sul Global como também nas relações com a União Soviética, que consequentemente se fragilizam muito, resultando no rompimento Sino-Soviético e a questão de direito internacional que foi o conflito fronteiriço Sino-Soviético de 1969. O período serve tanto como os motivos por trás das tensões da China com o mundo quanto uma poderosa ferramenta de política externa que persiste na estratégia chinesa²⁹, conforme demonstrado no excerto.

²⁶ XIAOPING, Deng. “An Idea For the Peaceful Reunification of the Chinese Mainland and Taiwan”. 26 jun. 1983. Deng Xiaoping Archive, Marxists Internet Archive. Em tradução própria.

²⁷ XIAOPING, Deng. “An Idea For the Peaceful Reunification of the Chinese Mainland and Taiwan”. 26 jun. 1983. Deng Xiaoping Archive, Marxists Internet Archive. Em tradução própria.

²⁸ EXETER, Cigh. “How the Century of Humiliation Influences China’s Ambitions Today”. 11 jul. 2019.

²⁹ EXETER, Cigh. “How the Century of Humiliation Influences China’s Ambitions Today”. 11 jul. 2019.

É interessante notar que um dos resultados deste período foi a perda de fé no poder dinástico para proteger e trazer prosperidade à China, assim como nas normas confucianas que haviam embasado o império; mas mesmo assim, os discursos de Sun Yat Sen, líder revolucionário, propunha em seu discursos “trazer de volta a China”, as terras perdidas pelo poder imperial, mostrando justamente quão forte é o vínculo dessas idéias ao pensamento chinês.

“Recentemente tem havido alguma melhoria nas relações sino-americanas. No entanto, os que estão no poder nos Estados Unidos nunca desistiram das suas políticas de "duas Chinas" ou "uma China e meia". Os Estados Unidos gabam-se da sua sistema político. Mas os políticos de lá dizem uma coisa durante um sistema político presidencial eleição, outra após a tomada de posse, outra nas eleições intercalares e ainda outra com a aproximação das próximas eleições presidenciais. No entanto, os Estados Unidos afirmam que as nossas políticas carecem de estabilidade. Em comparação com as suas políticas, as nossas são de facto muito estáveis.”³⁰

O trecho acima - um tanto encolerado - demonstra, senão impaciência, o conflito entre as grandes estratégias das nações estadunidense e chinesa. Foi estabelecido que, de acordo com a grande-estratégia chinesa, a unificação da China sob a *One China Policy* significa não somente o agregamento do poder material e econômico representado pela adição oficial e permanente de Taiwan ao aglomerado da RPC, como também o retorno *status* correto da composição do mundo - a China unida, tal como no passado - e, também, o retorno à época anterior ao Século de Humilhação, quando a China não sofria de intervenções e julgamentos estrangeiros com influência em sua política. Em contraste aos excertos acima, seguem alguns extraídos de uma declaração perante o Subcomitê sobre a Ásia Oriental e o Pacífico, Comité de Relações Exteriores do Senado, Washington, DC, em 7 de Fevereiro de 1996, por Winston Lord, então Secretário Adjunto para os Assuntos da Ásia Oriental e Pacífico.

“É política dos Estados Unidos...considerar qualquer esforço para determinar o futuro de Taiwan por outros meios que não sejam pacíficos, inclusive através de boicotes ou embargos, uma ameaça para a paz e segurança do Pacífico Ocidental e de grande preocupação para os Estados Unidos; fornecer a Taiwan armas de carácter defensivo; e manter a capacidade dos Estados Unidos para resistir a

³⁰ XIAOPING, Deng. “An Idea For the Peaceful Reunification of the Chinese Mainland and Taiwan”. 26 jun. 1983. Deng Xiaoping Archive, Marxists Internet Archive. Em tradução própria.

qualquer recurso à força ou outras formas de coerção que pôr em risco a segurança, ou o sistema social ou econômico, das pessoas em Taiwan.³¹”

“Mas não preciso recordar esta comissão que o povo do Os Estados Unidos têm uma forte convicção sobre a capacidade do povo de Taiwan para determinar pacificamente o seu futuro. Este sentimento não deve ser subestimado.³²”

“A este respeito, continuaremos a deixar claro à R.P.C. através de canais diplomáticos e outros que qualquer tentativa para resolver a questão de Taiwan por outros meios que não sejam pacíficos afetaria seriamente os interesses dos Estados Unidos.³³”

Está clara a diferente visão da questão de Taiwan: para os Estados Unidos, a questão resume-se em "independência", mas em seus termos. A resolução pacífica em Taiwan encaixa na grande estratégia estadunidense como “trazedor de paz e democracia” ao restante do planeta, numa que por sua vez legitima sua postura e poder frente a eles; percebe-se como o léxico e arcabouço teórico utilizado para compreender modos de pensar tão distintos não podem ser, simultaneamente, idênticos e suficientes.

³¹ LORD, Winston. “The United States and the Security of Taiwan”. 1 jan 1997. U.S. Department of State. Em tradução própria.

³² LORD, Winston. “The United States and the Security of Taiwan”. 1 jan 1997. U.S. Department of State. Em tradução própria.

³³ LORD, Winston. “The United States and the Security of Taiwan”. 1 jan 1997. U.S. Department of State. Em tradução própria.

CONCLUSÃO

As relações internacionais chinesas construíram-se sob um arranjo particular de circunstâncias temporais, históricas e culturais. É importante que estas sejam devidamente exploradas por aqueles que buscam compreender suas dinâmicas, seu passado e futuro, e sua influência no Sistema Internacional a seu redor.

Assim como a teoria Realista demonstrou-se insuficiente para explicar as relações construídas pela China, a teoria Construtivista e os demais pensamentos aqui expostos possuem uma limitação no seu abranger: a pretensão deste trabalho é, além de apresentar algumas interpretações alternativas às dinâmicas internacionais chinesas, justamente demonstrar como a resposta para a sua compreensão é complexa e não singular. Cabe ao campo das Relações Internacionais e seus estudiosos a contínua investigação destas dinâmicas, não se limitando ao arcabouço teórico já existente ou amplamente aceito, de modo a proporcionar a melhor explicação possível, contribuindo então para que se atinja o objetivo da disciplina.

REFERÊNCIAS

50 years after Nixon visit, US-China ties as fraught as ever. AP NEWS. 21 fev. 2022.

Disponível em:

<<https://apnews.com/article/business-china-united-states-beijing-soviet-union-bdfe10550dbec5ed4e24f498baa84c96>>

Allan, B., Vucetic, S., & Hopf, T. (2018). “The Distribution of Identity and the Future of International Order: China's Hegemonic Prospects”. 1-31. Cambridge University Press, Julho de 2018. Disponível em:

<<https://www.cambridge.org/core/journals/international-organization/article/abs/distribution-of-identity-and-the-future-of-international-order-chinas-hegemonic-prospects/6B178D9A058C016F6C7A50A089AA7290>>

ADLER, Emanuel. O construtivismo no estudo das relações internacionais: Constructivism in world politics. Ago. 1999. Disponível em:

<<https://www.scielo.br/j/ln/a/wtb8YfCjS5T3NsL4ZXtHnRR/abstract/?lang=pt>>

AMERICAN INSTITUTE IN TAIWAN. U.S.-PRC JOINT COMMUNIQUE (1982). 17 ago. 2022. Disponível em:

<https://www.ait.org.tw/u-s-prc-joint-communique-1982/?_ga=2.42093989.1081573838.1671155164-1490886082.1671155164>

ASTRID H M Nordin, Graham M Smith, “Reintroducing friendship to international relations: relational ontologies from China to the West”, International Relations of the Asia-Pacific, Volume 18, Issue 3, September 2018, Pages 369–396. Disponível em:

<<https://academic.oup.com/irap/article/18/3/369/5042962>>

Britannica, The Editors of Encyclopaedia. "Four Modernizations". Encyclopedia Britannica, 6 Dec. 2021. Disponível em: <<https://www.britannica.com/topic/Four-Modernizations>>

BUSH, Richard; RIGGER, Shelley. The Taiwan Issue and the Normalization of US-China Relations. p. 1-19, 15 dez. 2022. Disponível em:

<<https://www.brookings.edu/wp-content/uploads/2019/01/The-Taiwan-Issue-and-the-Normalization-of-US-China-Relations-Bush-Rigger1.pdf>>

CALLAHAN, William A. China and the Globalisation of IR Theory:: Discussion of ‘Building International Relations Theory with Chinese Characteristics’. Journal of Contemporary China, [S. l.], v. 10, n. 26, p. 75-88, 2 ago. 2010. Disponível em:

<<https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/10670560123916>>

CAMARGO, Júlia Faria. “ANÁLISE DE DISCURSO E RELAÇÕES INTERNACIONAIS: CONSIDERAÇÕES TEÓRICO-METODOLÓGICAS”. Disponível em:

<http://www.abri.org.br/anais/3_Encontro_Nacional_ABRI/Teoria_das_Relacoes_Internacionais/TRIS%20Julia%20Faria%20Camargo%20AN+%FCLISE%20DE%20DISCURSO%20E%20RELA+%E7+%F2ES%20INTERNACIONAIS%20CONSIDERA+%E7+%F2ES.pdf>

Chang, Jaw-ling Joanne. “Negotiation of the 17 August 1982 U. S.-PRC Arms Communiqué: Beijing’s Negotiating Tactics.” *The China Quarterly*, no. 125, 1991, pp. 33–54. JSTOR. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/654476>>

CHENGXIN, Pan; KAVALSKI, Emilian (ed.). What Can Guanxi International Relations Be About?. In: CHENGXIN, Pan; KAVALSKI, Emilian (ed.). *China’s Rise and Rethinking International Relations Theory*. [S. l.: s. n.], 2022. cap. 3, p. 62-82. Disponível em: <<https://bristoluniversitypressdigital.com/display/book/9781529212969/ch003.xml>>

DAVID, Lai. “LEARNING FROM THE STONES: A GO APPROACH TO MASTERING CHINA’S STRATEGIC CONCEPT, SHI”. Maio 2004. Disponível em: <<https://man.fas.org/eprint/lai.pdf>>

DREYER, June Teufel. The ‘Tianxia Trope’: will China change the international system?. *Journal of Contemporary China*, v. 24, n. 96, 27 abr. 2015. Historical Perspectives on the Rise of China: Chinese Order, Great Harmony, and Tianxia, p. 1015-1031. Disponível em: <<https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/10670564.2015.1030951>>

EXETER, Cigh. “How the Century of Humiliation Influences China’s Ambitions Today”. 11 jul. 2019. Disponível em: <<https://imperialglobalexeter.com/2019/07/11/how-the-century-of-humiliation-influences-chinas-ambitions-today/>>

Fairclough, Norman. “Discourse and Social Change”. 1-17. First edition. Polity Press. Impresso no Reino Unido. Data de publicação: 06/07/1993

FAURE, G.O. “The Cultural Dimensions of Negotiation: The Chinese Case”. *Group Decision and Negotiation* 8, 187–215 (1999). Disponível em: <<https://link.springer.com/article/10.1023/A:1008682612803#citeas>>

FAWCETT, Alicia. “Decoding Modern Chinese Foreign Policy through Ancient Philosophy and Applied Game Theory”. *The Washington Journal on Modern China*, 2017. Disponível em: <https://www.academia.edu/35255379/Decoding_Modern_Chinese_Foreign_Policy_through_Ancient_Philosophy_and_Applied_Game_Theory>

Friedberg, Aaron L. “The Future of U.S.-China Relations: Is Conflict Inevitable?” *International Security*, vol. 30, no. 2, 2005, pp. 7–45. JSTOR, Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/4137594>>

FRIZZERA, Guilherme. Análise de discurso como ferramenta fundamental dos estudos de Segurança. Uma abordagem Construtivista, 1 fev. 2014. Disponível em:

<https://www.researchgate.net/publication/273026041_Analise_de_discurso_como_ferramenta_fundamental_dos_estudos_de_Seguranca_-_Uma_abordagem_Construtivista>

GAN, Nectar; WESTCOTT, Ben. US senators took a military aircraft to Taiwan to announce vaccine donation. To Beijing, that is a major provocation. 7 jun. 2021. Disponível em:

<<https://edition.cnn.com/2021/06/07/china/us-senators-taiwan-china-reaction-intl-mic-hnk/index.html>>

Harnisch, Sebastian, et al. “China’s International Roles - Challenging or supporting international order?”, 3-17 por Sebastian Harnisch, 22-32 por Bart Dessein, , 38-55 por Sebastian Harnisch, 59-73 por Chin-Yu Shih e Chiung-Chiu Huang, 77-92 por Yudan Chen. (1st ed.). Routledge, 2016.

HOW 1980 Laid the Groundwork for China’s Major Foreign Policy Challenges: China’s policies on Afghanistan, Xinjiang, Russia, terrorism, and the trade war – all have their roots in the late Cold War era. 12 set. 2018. Disponível em:

<<https://thediplomat.com/2018/09/how-the-1980-laid-the-groundwork-for-chinas-major-foreign-policy-challenges/>>

INNUENDO STUDIOS. “The Artist is Absent: Davey Wreden and The Beginner's Guide”. YouTube, 26 de jul. 2016. Disponível em:

<<https://www.youtube.com/watch?v=4N6y6LEwsKc>>

Kim, Hong N., and Jack L. Hammersmith. “U.S.-China Relations in the Post-Normalization Era, 1979-1985.” Pacific Affairs, vol. 59, no. 1, 1986, pp. 69–91. JSTOR. Disponível em: <<https://doi.org/10.2307/2759004>>

KISSINGER, Henry. On China. Londres, Inglaterra: Penguin Books, 2012. 604 p.

LORD, Winston. “The United States and the Security of Taiwan”. 1 jan 1997. U.S. Department of State. Disponível em:

<https://1997-2001.state.gov/current/debate/mar96_china_us_taiwan.html>

OFFICE OF THE HISTORIAN. “The August 17, 1982 U.S.-China Communiqué on Arms Sales to Taiwan”. Disponível em:

<<https://history.state.gov/milestones/1981-1988/china-communicue#:~:text=On%20August%2017,%201982,%20after,as%20the%20August%2017%20Communique%20>>

Paltiel, Jeremy T., “Constructing Global Order with Chinese Characteristics: Yan Xuetong and the Pre-Qin Response to International Anarchy”, Pages 375–403, The Chinese Journal of International Politics, Volume 4, Edição 4, 2011. Disponível em:

<<https://academic.oup.com/cjip/article-abstract/4/4/375/353510?redirectedFrom=fulltext>>

“Political and Cultural Construction of the Chinese Nation”. 1-26. ResearchGate, Junho de 2019.

POPPER, Karl. The Logic of Scientific Discovery. 1959.

Qin Yaqing, “Why is there no Chinese international relations theory?”. Páginas 313–340. International Relations of the Asia-Pacific, Volume 7, Edição 3, Setembro de 2007. Disponível em:

<https://www.researchgate.net/publication/31264531_Why_Is_There_No_Chinese_International_Relations_Theory>

QIN, Yaqing, NORDIN Astrid H. M. “Relationality and rationality in Confucian and Western traditions of thought”. Cambridge Review of International Affairs. Volume 32, 2019. 601-614. Disponível em:

<<https://www.tandfonline.com/doi/citedby/10.1080/09557571.2019.1641470?scroll=top&needAccess=true&role=tab>>

QIN, Yaqing. “A Relational Theory of World Politics”. International Studies Review, Volume 18. Volume 1. Março, 2016. 33–47. Disponível em:

<<https://academic.oup.com/isr/article-abstract/18/1/33/2358881?login=false>>

Qing Cao, “Discursive Construction of National and Political Identities in China”. The Routledge Handbook of Chinese Discourse Analysis, Routledge. Jun. 2019. Disponível em:

<https://www.researchgate.net/publication/333644665_Discursive_Construction_of_National_and_Political_Identities_in_China_Political_and_Cultural_Construction_of_the_Chinese_Nation>

ROZMAN, Gilbert. “The Sino-Russia-US Strategic Triangle: A View from China”. The asian forum. 19 fev. 2019. Disponível em:

<<https://theasanforum.org/the-sino-russia-us-strategic-triangle-a-view-from-china/>>

SHIH, Cy., Huang, Cc. “Competing for a Better Role Relation: International Relations, Sino-US Rivalry and Game of Weiqi”. J OF CHIN POLIT SCI 25, 1–19 (2020). Disponível em: <<https://link.springer.com/article/10.1007/s11366-019-09638-7#citeas>>

Silva e Labriola, “Role Theory como terceira via nas relações internacionais”. 73-102. Volume 8, Número 15, 2019. Disponível em:

<<https://ojs.ufgd.edu.br/index.php/moncoes/article/view/11531>>

TAIWAN and U.S.- China Relations. ASIA FOR EDUCATION, 2020. Disponível em:

<http://afe.easia.columbia.edu/special/china_1950_taiwan.htm>

THE SINO-SOVIET SPLIT. alpha history. Disponível em:

<<https://alphahistory.com/coldwar/sino-soviet-split/>.>

Thies, Cameron G, “Role Theory and Foreign Policy”. 1-36. Researchgate, Abril de 2009.

UEMURA, Takeshi. Constructivism and Chinese Studies. Journal of Asia-Pacific Studies, v. 30, p. 49-63. Disponível em: <<https://core.ac.uk/reader/159504210>.>

UEMURA, Takeshi. “Understanding Chinese Foreign Relations: A Cultural Constructivist Approach.” International Studies Perspectives 16, no. 3 (2015): 345–65. Disponível em:

<<http://www.jstor.org/stable/44218789>.>

UNDERSTANDING Beijing’s motives regarding Taiwan, and America’s role. 30 mar. 2021. Disponível em:

<<https://www.brookings.edu/on-the-record/understanding-beijings-motives-regarding-taiwan-and-americas-role/>.>

WHAT'S BEHIND China-Taiwan tensions? 2 ago. 2022. Disponível em:

<<https://www.bbc.com/news/world-asia-34729538>.>

XIAOPING, Deng. “An Idea For the Peaceful Reunification of the Chinese Mainland and Taiwan”. 26 jun. 1983. Deng Xiaoping Archive, Marxists Internet Archive. Disponível em:

<<https://www.marxists.org/reference/archive/deng-xiaoping/1983/107.htm>>

XIAOPING, Deng. “China’s Foreign Policy”. 21 ago. 1982. Deng Xiaoping Archive, Marxists Internet Archive. Disponível em:

<<https://www.marxists.org/reference/archive/deng-xiaoping/1982/128.htm>>

XIAOPING, Deng. “Put On the Agenda Settlement of the Taiwan Question For the Reunification of the Motherland”. 1 jan. 1979. Deng Xiaoping Archive, Marxists Internet Archive. Disponível em:

<<https://www.marxists.org/reference/archive/deng-xiaoping/1979/105.htm>>

XINNING, Song. Building International Relations Theory with Chinese Characteristics. Journal of Contemporary China, v. 10, n. 26, 2 ago. 2010. Original Articles, p. 61-74.

Disponível em: <<https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/10670560125339>.>